

TOC TOC TOC...POSSO ENTRAR?

KNOCK KNOCK KNOCK...CAN I COME IN?

Manuela Beserra de Souza

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais, Brasil
Manuilustra@gmail.com

Alice Fátima Martins

Universidade Federal de Goiás
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil
profalice2fm@ufg.br

Resumo

A entrada na FAV (Faculdade de Artes Visuais) era um sonho antigo para a autora deste artigo. Em 1999, Manuela Beserra participou do processo seletivo, mas não foi aprovada. Outros caminhos foram percorridos: faculdade de Pedagogia, especialização em Filosofia da Arte, mais de duas décadas de atividade no ateliê da escola, a maternidade, muitas pesquisas e cursos de atelierista, um ateliê que se desenvolve dentro de casa, entre tantos outros processos formativos, e somente em 2023, a oportunidade de realização deste sonho. Os percursos nem sempre saem conforme o planejado e há de se ter sabedoria para entender e elaborar as organizações que a vida naturalmente oferece. Somente neste momento, após tanta estrada e experiências adquiridas, na maioria das vezes, dentro de ambientes que fazem a manutenção do distanciamento das realidades distintas e reais da sociedade, é que foi possível entrar na FAV e, com os conteúdos do curso, voltar para os ambientes de trabalho e mexer no que estava adormecido. As propostas da especialização Poéticas Visuais Contemporâneas e Práticas de Mediação na Educação Básica, mobilizaram nesta autora nutrida de mais de 20 anos de experiências práticas e analíticas a respeito de sua atuação, ações para descortinar tabus e enxergar caminhos possíveis e sensíveis junto a grupos preservados de assuntos e diálogos necessários, pouco ou nada trabalhados. Os assuntos principais nesta análise, são: ancestralidade, diversidade e diferenças, feminino, transdisciplinaridade, corporalidade, e em tudo, a poética.

Palavras-chave: professora pesquisadora, motivação, expansão, poesia.

Abstract

Entering the FAV was an old dream for the author of this article. In 1999, Manuela Beserra participated in the selection process, but was not approved. Other paths were taken: college of Pedagogy, specialization in Philosophy of Art, more than two decades of activity in the school's studio, motherhood, many researches and atelier courses, a studio that develops at home, among many other training processes, and only in 2023, the opportunity to make this dream come true. The paths do not always go according to plan and one must have the wisdom to understand and elaborate the organizations that life naturally offers us. It was only at this moment, after so much road and experiences acquired, most of the time, within environments that maintain distance from the distinct and real realities of society, that it was possible to enter the FAV and, with the course contents, return to the work environments and touch what was dormant. The proposals of the specialization Contemporary Visual Poetics and Mediation Practices in Basic Education, mobilized in this author, nourished by more than 20 years of practical and analytical experiences regarding her performance, actions to unveil taboos and see possible and sensitive paths of action in groups preserved from necessary subjects and dialogues, little or not worked at all. The main subjects in this analysis are: ancestry, diversity and differences, feminine, transdisciplinarity, corporality, and in everything, poetics.

Keywords: Researcher Professor, Inspiration, Development, Poetry

Antes mesmo de pedir permissão para entrar em algum espaço, é necessário acessar a MOTIVAÇÃO para o exercício e movimento do bater à porta. Sobre a palavra que define o que vem antes da ação, alguns dicionários definem que a palavra MOTIVAÇÃO vem do Latim “*motivus*”, que significa “*que move*” ou “*que causa movimento*”. Deriva do verbo latino “*movere*”, que significa “*mover*” ou “*despertar*”. Assim, é possível observar a movência dessa palavra, como princípio do que está por vir, e do que é ou pode ser alcançável.

Algumas vezes é possível acompanhar movimentos de retorno à porta onde eu desejava adentrar, num outro tempo, potencialmente pelo exercício da base do *motivus*, já presente desde então, e que pelo tempo passado, e experiências vividas em outros cenários, potencializa o agora e proporciona o desenvolvimento de uma relação mais consciente, expandida, rica e profunda. A aceitação do tempo, e a não urgência, em movimento, possibilitam uma espécie de alcance expandido que pode, visualmente, ser comparado às estruturas de um rizoma.

Para compreender as reflexões e os incrementos constantes na minha atuação, durante os 25 anos ininterruptos de prática em ambientes de educação básica, culminando com a entrada na especialização da FAV, motivo da escrita deste artigo, podemos nos

valer do termo **espera movente**, poeticamente percebida num trecho de um poema de Manoel de Barros:

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam ali sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora. (Barros, Manoel de. Escova. In: Memórias inventadas: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.)

Neste sentido, a semelhança da prática da Manuela com as reflexões do poema do autor Manoel de Barros está na decisão e no jeito de fazer “educação”, experiência, arte e sentido. Nada é ou deve ser superficial. Nada é ou deve ser feito às pressas. Nada é ou deve ser só numa aula que o aluno frequenta. A responsabilidade com a atuação e os desdobramentos possíveis na vida de cada criança que experimenta a arte, a cultura, a escuta, o fazer, o brincar, o observar, o pesquisar, o refazer, o descartar, o recriar entre tantas outras ações presentes no processo de aprendizagem, é o que pode abrir espaço de criatividade e liberdade genuína de expressão e experiência.

Nem todos estão prontos para jogar a escova fora. No meu caso, ao não jogar a escova fora, e além disso, deixar a vida a escovar também, o que acontece é um incremento de percurso. Dentro dessa larga janela de mais de duas décadas, entre o desejo de entrar na FAV, e a entrada em si, tornou-se pedagoga, especialista em filosofia da arte, ilustradora, mãe de dois meninos, cenógrafa, atelierista, idealizadora do Ateliê cASAvoo, especialista em livros para a infância, e segue se nutrindo do que lhe oferta maravilhosos. O envolvimento com essa larga gama de assuntos, que naturalmente se complementam, costumo comparar ao fenômeno da pororoca, apelidando o seu próprio processo de “pororoca das águas da vida”, que reflete também o que Larrosa fala sobre os princípios de reflexividade, subjetividade e transformação. É juntando academia, experiência vivida, e disponibilidade para não apenas propor, mas também dispor, que surge a experiência. E

há ainda de se lembrar que cada experiência é única e individual. Nenhum relato é igual, nenhum caminho se é soberano, e a composição com as mais diversas matizes é o que proporciona as melhores experiências no processo de aprendizagem.

Ter experiência de algo é, em primeiro lugar, estar imerso em eventos ou ações [...] que carregam suas próprias lições, sua própria aprendizagem, seu próprio conhecimento [...], e é condição da experiência de estar envolvido em um fazer, em uma prática, estar imerso no mundo que chega a nós, que nos envolve, que nos compromete ou, às vezes, exige de nós ou nos impõe (Larrosa, 2018, p. 21).

Para ilustrar este processo de desenvolvimento que percebi, nos próximos parágrafos apresento uma linha do tempo, com narrativas de períodos de cinco em cinco anos, repleta de eventos, escolhas, decisões, mudanças de rota, tomada de consciência, exercício de paciência, liberdade de expressão, entre muitos outros tráfegos que trazem à luz a consciência da responsabilidade pelo caminho trilhado.

1999 – Entrada na Faculdade de Pedagogia, início da vida profissional como professora da Educação Infantil (crianças de 4 anos) numa escola de bairro, mudança para uma outra escola maior, neste momento como auxiliar de professora, ainda na Educação Infantil (crianças de 5 anos).

ENTRE 1999 E 2003 – APRENDIZAGEM COMO FIO CONDUTOR

No momento de desbravamento do início da vida adulta, cursando Pedagogia e mergulhada no processo de aprendizagem teórica, científica e prática, somada a grande oportunidade, que nem todos têm, logo no início da carreira, de conviver com profissionais semeadores e inspiradores, me satisfiz com o encaminhamento profissional, cursando Pedagogia, apesar de não ter sido possível entrar no curso de Artes Visuais da FAV. Ainda neste período, inicia seus estudos artísticos, e passa a fazer um curso de 5 anos numa escola de arte, chamada **Consciência – Espaço Brasil/Alemanha**, que prezava pelo aprendizado da Arte e da Educação Ambiental, com profissionais que traziam experiências e visões de um outro continente, e que ampliava sobremaneira as visões culturais e práticas no exercício de ser artista. Ao final destes primeiros 5 anos de experiência profissional, assumi uma sala de aula como Professora Regente de um grupo de 4 anos. As principais conquistas que Manuela reconhece, são:

- Entendimento da importância de ser uma professora pesquisadora;
- Relevância na organização do trabalho como um todo, desde os materiais

até o processo de comunicação com todos;

- Cuidado e o carinho com cada criança no espaço da escola;
- Serenidade e tranquilidade no trato com o outro;
- Encorajamento para experimentar o ofício com uma supervisão amorosa e que proporciona liberdade de experimentação, sem imposições;
- Consciência, primeiramente filosófica, da interação do humano com o meio ambiente;
- Responsabilidade no uso e desperdício de materiais;
- Acesso a técnicas diversas da linguagem artística;
- Entrada no universo da história da arte;
- Mudança de “status” carregada da responsabilidade de ser professora;
- Transposição de função, que passa a cuidar e orientar um assistente, que até então era o seu próprio papel.

2004 – Trabalho de professora regente em desenvolvimento, inclusão frequente de conteúdos artísticos nos planejamentos pedagógicos, materialidade e arte presente em toda a prática, percepção de uma oportunidade para assumir as aulas de Artes da escola, com a saída da professora responsável pela matéria.

ENTRE 2004 E 2009 – A ESCOLHA DA ARTE COMO SEU CAMINHO PEDAGÓGICO

Professora regente de uma sala de aula integral, responsável por todo o desenvolvimento da prática pedagógica e orientação das professoras auxiliares, criadora de projetos inovadores e transdisciplinares, muito à frente de sua época, vi meu trabalho reconhecido pela diretoria num convite para representar a escola num seminário intitulado “Pensar XXI”, onde projetos e práticas pedagógicas eram compartilhados, em âmbito regional. Tudo isso vai criando estofo e coragem para que, no momento de saída da professora de Arte da escola, eu me ofereça para assumir a matéria para a Educação Infantil e Fundamental I, convidando a diretoria a reconhecer meu interesse e envolvimento na busca de conhecimentos nas diversas áreas das artes.



Figura 1: Matéria de 2008 realizada pelo jornal O POPULAR sobre a VI Mostra de arte da escola em que trabalho. Acervo da autora.

A diretoria aceitou a mudança do cargo, eu assumi as aulas, e mais uma camada de imersão e estudo é necessária. Entendimento da base que rege a disciplina de Artes Visuais, e um comprometimento com a prática que passa por uma série de elementos, e que revela, principalmente, o perfil do professor pesquisador. O que é possível ressaltar deste período, é:

- Percepção da responsabilidade com quem me acompanha;
- Percepção da relevância da sua prática pedagógica no e para o meu espaço de trabalho;
- Um início na prática de professora de Arte que mistura liberdade, coragem, e a consciência de trilhar um caminho solo;
- Direcionamento para a pesquisa e aquisição de obras teóricas e literárias, na busca por criar o meu próprio acervo.

2010 – A Mostra de Arte é construída totalmente baseada no estudo pessoal e nas vivências com as crianças. Diferentemente dos anos anteriores, a escola não faz mais a proposta para o trabalho da professora, e a professora é que apresenta a Mostra que acredita ser importante realizar.

ENTRE 2010 E 2014 – A ASCENSÃO DA MATÉRIA DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA

Nesta fase, a matéria de Artes Visuais assumiu um outro lugar na escola, um lugar de destaque e genuína relevância, a partir de um casamento muito feliz da professora pesquisadora e uma liderança patrocinadora. Os projetos de arte se tornaram cada vez mais robustos e inovadores, carregados de muita pesquisa, profundidade, envolvimento de outras áreas, envolvimento das famílias em oficinas práticas, e que propôs caminhos de produções livres de estereótipos e modelos pré-concebidos. A base de pesquisa ofereceu referência, deu liberdade de expressão e não esperava padrão nos resultados. O processo passou a ser mais relevante do que o produto final. Tudo isso trouxe o interesse da mídia local em publicar os eventos, as exposições e, com isso, a Mostra de Arte ganhou até outros locais de exposição. A arte da escola saiu da escola e ocupou a cidade. O acesso às produções foi aberto à comunidade interna da escola, mas também à comunidade como um todo. No final deste período de cinco anos, com o sucesso da prática desta professora, somado ao meu momento de vida pessoal, com a chegada do meu primeiro filho, o convite para assumir a coordenação de arte foi aceito, na perspectiva de orientar a prática na escola e assumir um papel mais estratégico, com liberdade para dedicação aos estudos. Nesta fase, os principais pontos a serem observados na construção da minha carreira são:

- Reforço do interesse na pesquisa contínua, que é corporificado, pois toda minha prática depende da minha pesquisa;
- A atuação passou a ser rizomática, tudo era feito em conexão com outras áreas, e neste aspecto, é válido ressaltar, principalmente, a literatura, a música e a expressão corporal;
- Percepção da responsabilidade com o processo como um todo, além da integração com o processo da criança;
- Entendimento do papel do professor protagonista, no processo de comunicação externa;
- Transformação da autoimagem, que passou de professora para artista.

Na medida em que aprendemos a suportar a intimidade da investigação e a florescer dentro dela, na medida em que aprendemos a usar o resultado desta investigação para dar poder à nossa vida, os medos que dominam nossa existência e moldam nossos silêncios começam a perder o seu controle sobre nós. (Lorde, 2020, p. 45)

2015 – Coordenação de uma equipe pequena e jovem, que trouxe compartilhamento de conhecimentos da arte, de um modo geral, e que favoreceu a continuidade deste trabalho pulsante e rico de conteúdos.

ENTRE 2015 E 2019 – TEMPOS DE VIDA E MORTE

Muitos processos intensos marcaram esse período. A função de coordenação foi ampliada e eu, que já me percebia artista, e que tinha assumido a coordenação de Arte, passei a ser coordenadora, também, de todas as aulas extras do currículo integral. A esperança de mais tempo para estudo, não existia mais. A necessidade de entender sobre disciplinas fora da arte, além de não ser tarefa fácil, ainda causava angústia e gerava stress. O que normalmente é visto como processo de ascensão de carreira, e que seduz e alimenta ambição e desejo de poder e status, não conversava com as minhas motivações. Entretanto, o caminho comum socialmente criado e conhecido, de esforços, abdições, dedicação, superação e alcance dos objetivos, drenou dia após dia a motivação de permanecer na função de coordenação. A solidão foi companhia assídua durante um longo período de tempo, a artista passou a não produzir mais, para além do trivial e imediato.

O prazer ficou a reboque, e a descoberta da doença do meu pai acentuou ainda mais o descontentamento com a vida que eu estava vivendo. Ver a morte próxima questionava diariamente a continuidade e a sustentação da sobrevivência no lugar e na função daquela época. Foi tempo de entrar em contato profundo com dores, dissabores, encerramentos, incompreensão, abandono, saudades, e tudo isso foi criando material e corpo para dar espaço para morte em si, ao menos de duas formas: a morte do meu pai, que evocou sua energia de artista para retomar sua produção, e a morte do papel de coordenadora, para dar lugar à professora de arte que sempre fui. Deste período, o que podemos ressaltar:

- Metaforicamente, o perigo de querer que um peixe viva fora d'água;
- Força do modelo social sobrepondo a sabedoria do indivíduo;
- Proximidade da morte convidando a olhar para a vida;
- Dor servindo de combustível para a retomada da produção artística;
- Produção artística salvando instantes;
- Coragem da mudança como um caminho de salvamento;
- Retomada do lugar de professor que oferece retomada de condição de vida.

Para ilustrar um pouco sobre esse ciclo, podemos nos valer de um pequeno pensamento de Paulo Freire

Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todo mundo sabe alguma coisa. Então, o problema que se coloca a nós é saber, primeiro, se a gente pode saber melhor o que já sabe. Segundo, se a gente pode ou não pode participar da produção do saber que não existe ainda. (Freire, Rádio MEC, 1976).

2020 – Pandemia e a oportunidade de reassumir a cASA: casa corpo, casa mãe, casa filhos, casa artista, casa professora, casa ateliê, cASA.

ENTRE 2020 E 2024 – cASA voo

Este período foi marcado pela movência em vários níveis. Com a retomada da prática de professora, e no cenário de pandemia, reconectada com sua casa, ministrando aulas online, a pesquisa voltou a ser tema diário; passou a ser constante a minha proximidade com os filhos, o que nutriu minhas motivações; a liberdade para criar interações nunca antes vista ou possível com os alunos, no momento das aulas online, despertaram cada vez mais o olhar para o autodesenvolvimento, principalmente no meu modo de ser e viver atelierista. Tudo isso se desdobrou após o período da pandemia, e segue me convidando para o incremento de atuação. Diversos cursos foram realizados, experiências em série com materialidades e propostas das mais diversas, o laboratório vivo e rico em casa, as demandas de ilustração de obras literárias cada vez mais frequentes, a aproximação e o aprofundamento no estudo de literatura para infâncias acontecem, a abordagem Reggio Emilia orienta sua prática, e o Ateliê cASA se materializou, criando grande relevância na minha vida. As Imerções Artísticas passaram a ser recorrentes e muito potentes. Minha atuação, nesse momento, extrapolou, e muito, a escola, e nesse momento, composta de todas essas experiências vividas em mais de 20 anos de história, o retorno ao ponto de partida, e dessa vez, a entrada na FAV aconteceu. Um encontro com um sonho, mas também com áreas nunca antes acessadas neste percurso todo. O que era latente ou talvez evitado pelas circunstâncias, pediu e ganhou espaço nos projetos nesta última fase deste ciclo de 5 anos. Toda essa reflexão e revisão de percurso aconteceu pela força desta experiência, e pelo movere, que inicia o convite deste texto, o que ressignifica e revela consciências adormecidas e desencorajadas. Uma espécie de looping passa a ser percebido, mas visualmente falando, é como se uma voz da consciência soprasse diálogos e questionamentos de assuntos inegociáveis sobre diversidade, diferenças, práticas de mediação, cultura visual e arte contemporânea. Os estudos realizados na FAV passam a transbordar monólogos de assuntos que não me cabem mais. Falar sozinha passa a ser uma constante, e como bem escreveu o autor americano Jack Kerouac em seu livro *On the Road – Pé na Estrada*:

As únicas pessoas para mim são as loucas. As que são loucas demais para viver, loucas para falar,
loucas para serem salvas.
Que desejam tudo ao mesmo tempo.
As que nunca desejam ou dizem um lugar-comum, mas queimam, queimam,

CONCLUSÃO

Observando a evolução da prática, é possível cartografar de forma poética e profunda os percursos moventes e transformadores ao longo desses vinte e cinco anos relatados neste artigo. Anos entrelaçados em curiosidades, sonhos, desejos, buscas, erros, acertos, frustrações, coletividade, solidude, encontros, trocas e muita coragem que intensificou a permanência dos passos. É possível afirmar que no início, grande parte do modo como se lida com a construção do conhecimento se dá sem atenção e consciência ao que acontece e isso, só vai se modificando a partir do momento em que há o envolvimento no plano da experiência, o que normalmente não é imediato! Requer aprendizagem, tempo, aspectos processuais na produção de conhecimento, práticas que tornem possível uma atenção aberta aos processos em curso, que permitam saber com o que naturalmente faz viver. Como disse Krenak (2021, p.24) “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.”

Envolver com vidas, sentir com as *inteirezas* do corpo, as coreografias dos encontros, os passos nos muitos caminhos que percorremos, as nuances dos gestos, a sonoridade das palavras ditas por tantas bocas, os corpos que se olham, escutam e acolhem, as memórias que são delicadamente retiradas daquela gaveta que já não fecha direito, os monólogos silenciosamente elaborados... Foi assim que eu pude sentir a força da palavra *PARTILHA* presente na generosidade dos encontros com cada professor(a) do curso de especialização da FAV e que sem dúvidas, se fez e continuará criando caminhos de *ir* e *vir* pela ponte entre a poética da experiência e a experiência da poética. Que seja possível estar com os pés nessa estrada, evocando a coragem de quem ousa sair da ilha e que Lenine em sua canção - A ponte (2004) traduz lindamente essa jornada tão movente:

Mas como é que faz pra sair da ilha?
Pela ponte, pela ponte
A ponte não é de concreto,
não é de ferro
não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento
(Lenine, A Ponte, 2004)

Ao refletir sobre todo o processo de desenvolvimento profissional, eu, Manuela, pude constatar a possibilidade de uma experiência muito mais rica e potencializada ao en-

trar na FAV em 2023, visto que nesta janela de 25 anos, muito pode se construir e preparar enquanto território para acessar toda a grandiosidade das propostas oferecidas pelo curso. Somente a partir do interesse genuíno de um sujeito que pesquisa, se envolve e desenvolve sua prática, com consciência ética, estética e política, é que tem condições de “ter olhos para ver”.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARROS, Manoel de. Escova. In: **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online], n. 19, p. 20-28. 2002.

FREIRE, Paulo. **Palestra de 1976**, Rádio MEC, In <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/129>.

KEROUAC, Jack. **On the Road: pé na Estrada**. São Paulo, 2015

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

MANUELA BESERRA DE SOUZA

Mãe, professora, ilustradora, cenógrafa e idealizadora do Ateliê cASA voo – lugar de experimentação das linguagens. Graduada em Pedagogia, pela Universidade Católica de Goiás, com especialização em Filosofia da Arte, pela UEG, Poéticas visuais contemporâneas e práticas de mediação na educação básica, pela UFG.

ALICE FÁTIMA MARTINS

Professora Titular na Faculdade de Artes Visuais, FAV, da Universidade Federal de Goiás, UFG. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq. Sendo professora, aprende mais do que ensina; sendo pesquisadora, desaprende o que, antes, supunha saber.